

**Guimarães Rosa, um cooperador ativo do destino**

Guimarães Rosa, an active cooperater of destiny

Everton Luís Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho realiza um exame da narrativa “A velha” enfeixada na coletânea póstuma *Ave, palavra* (1970) de Guimarães Rosa. Por meio de uma pesquisa bibliográfica que integra a Literatura e a sua análise crítica ao discurso histórico, pretende-se demonstrar como episódios da história ocidental no século XX infiltraram-se na particular inscrita desse autor brasileiro, como o cosmopolitismo do terror forjado pelo regime totalitário na Alemanha nazista e a crescente perseguição às minorias sionistas na década de 1930.

**Palavras-chave:** “A velha”; *Ave, palavra*; Guimarães Rosa; história; século XX.

**Abstract:** This work examines the narrative “A Velha” embedded in the posthumous collection *Ave, palavra* (1970) by Guimarães Rosa. Through a bibliographic research that integrates Literature and its critical analysis to the historical discourse, it is intended to demonstrate how episodes of western history in the 20th century infiltrated this Brazilian author's particular writing, as the cosmopolitanism of terror forged by the totalitarian regime in Nazi Germany and the growing persecution of Zionist minorities in the 1930s.

**Keywords:** “A velha”; *Ave, palavra*; Guimarães Rosa; history; Century XX.

**Introdução**

Reconhecido principalmente pela elaboração estética do sertão mineiro, o escritor João Guimarães Rosa (1908-1967) rompeu com a exclusividade desta ambientação em suas derradeiras produções ficcionais, a saber: as póstumas *Estas Estórias* e *Ave, palavra*. Na última, por exemplo, observa-se o autor enveredando-se por outros gêneros literários, tais como anotações feitas em visitas a zoológicos europeus, fragmentos de diários e escritos que se amalgamam entre os domínios de gêneros estéticos tais como a crônica e o conto tendo como escopo o de retirar o leitor de seu cômodo e esperado horizonte, ou, na retirada dessas fronteiras formais conquistar seus possíveis interlocutores. Assim, das cinquenta e quatro composições que enfeixam *Ave, Palavra*, quatro narrativas curtas “poetizam” o conturbado período iminente dos conflitos étnicos os quais fundamentaram a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Por intermédio das produções deste “observador-participante” da História da primeira metade do século XX, busca-se compreender a escalada da violência e da barbárie dentro de um período em que a sociedade de mercado quase desmoronou

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) onde atua como diretor da Faculdade de Letras e professor das disciplinas de Literatura Africana; Brasileira e Portuguesa da mesma instituição no Campus de Bragança. Coordena o projeto de pesquisa intitulado “Repercussões ocidentais entre a literatura e a historiografia: Guimarães Rosa e Eric Hobsbawm”.

diante das crises ocorridas em curtos intervalos de tempo, duas guerras mundiais, perda de impérios coloniais e o surgimento de regimes políticos autoritários como o fascismo italiano e seu desdobramento alemão, o nazismo de Adolf Hitler (1889-1945) testemunhado pelo escritor brasileiro em sua estada em solo germânico enquanto, simultaneamente, a nação teotônica deitava o globo no infernal abismo.

É em *Ave, palavra* que Guimarães Rosa decide enfrentar a imagem erigida pelo século passado para a Alemanha, país no qual o autor desembarcou em 04/05/1938. Neste território deu-se o início da grande noite que toldou o século XX e dissolveu as vidas de personagens “fictícias” do universo rosiano como “*damme*” Verônika e *Frau Heelst*, a brava cartomante de Hitler, inseridas em “A velha” e “A senhora dos segredos”, respectivamente. Estas últimas depositam suas derradeiras esperanças e augúrios no *doublé* de cônsul e escritor mineiro e em um país sobre o qual pouco ou nada conheciam.

Gostaria de lembrar por fim que, como assevera Eric Hobsbawm (1917-2012) em *Tempos interessantes* (2002), apesar de todas as vidas privadas constituírem “matéria-prima tanto para historiadores como para romancistas” (HOBSBAWM, 2002, p. 17), as experiências pessoais (e ou reelaboradas) de Guimarães Rosa no período em que se desenvolve a Segunda Guerra Total valem mais pelo que estas possuem de público e, portanto, escritas do que as páginas acerca dos seus momentos íntimos no seio familiar.

## **I. O mundo germânico é muito perigoso**

Nada nas produções estéticas de Guimarães Rosa é gratuito ou acessório como possa a princípio parecer ao leitor iniciante. Demasiadamente atento aos movimentos históricos confusos que no século passado obrigaram as sociedades ocidentais a fazerem uso de aspectos como a ambiguidade, Guimarães Rosa propôs em algumas narrativas de *Ave, palavra* um embaralhamento proposital de gêneros em prosa como a crônica e o conto. Assim, nessa fusão, surge os por mim denominados “cronicontos” nos quais há um espelhamento estético, já na forma, dos dúbios torneios que marcaram as divisões nacionais em confronto ao longo de quase oitenta anos no “breve” século XX de acordo com Hobsbawm em *Era dos extremos* (1994). Nestas composições — como as demais produções deste ficcionista — lança-se um grande problema para a recepção crítica do autor que é a dificuldade em delimitá-las nas fronteiras bem marcadas das categorias narrativas de gênero. A questão, a princípio, pode parecer insignificante, mas, em essência, não o é, haja vista que o leitor, ao se debruçar diante de um texto literário, o lê projetando sentidos previamente esperados dentro das tipologias textuais por intermédio dos conhecimentos de mundo apreendidos.

Aproximando de forma consciente história e literatura dentro de algumas composições enfeixadas em *Ave, palavra*, Guimarães Rosa produziu uma espécie de história imediata, haja vista que aglutinou em si mesmo os papéis de autor, de personagem e de historiador dos acontecimentos que descreveu nos “cronicontos” dessa obra os quais se voltaram para a realidade alemã entre o fim dos anos de 1930 e os primeiros da década de 1940, concretizando em sua escrita uma aproximação dos

anseios de muitos historiadores europeus, como Fernand Braudel (1902-1985), o de tratar do passado para eles demasiadamente próximo, e, portanto, de difícil compreensão como foi a história do Velho Continente na primeira metade do século XX.

São nessas narrativas que Guimarães Rosa guarda impressões e metáforas das belezas que faziam da Alemanha entre o desfecho de 1938 e meados do ano seguinte, as vésperas dos tenebrosos combates que marcariam a primeira metade do século XX, se não um país agradável a um estrangeiro, ao menos ricamente interessante com seus castelos, seus templos, as suas pontes sobre o rio Elba, as paisagens de inverno que faziam da região saxônia um “dos lugares mais esplêndidos do Continente europeu” (ROSA, in GUIMARÃES, 2006, p. 158), como confidenciou o autor em correspondência enviada a Vicente Guimarães em 03/07/1939, a qual se encontra no livro *Joãozito* (1972), nome com o qual esse tio temporão se referia ao sobrinho cronologicamente tão próximo.

Fica evidente que a Alemanha que se abriu para o cônsul-adjunto em meados de 1938 foi bem aprazível, apesar dessa imagem ser diametralmente oposta à apresentada a outros imigrantes, quando estes chegavam, por exemplo, a uma Berlim em erupção política e franco declínio econômico, fatores responsáveis dentre outros por despertar o xenofobismo, o anticomunismo e o antisemitismo naquele povo conservador e que, progressivamente, passou a quase só se interessar “por carros blindados e aviões de bombardeio” (ROSA, in GUIMARÃES, 2006, p. 153).

Dentro de seu universo diversificado, *Ave, palavra* enfeixa composições que retratam o período entre os anos de 1938 e 1942, época em que Guimarães Rosa exerceu um papel dubiamente perigoso em Hamburgo dentro do consulado brasileiro em prol da humanidade: a saber, o de driblar as exigentes normas antisemitas fixadas não somente pelo Brasil, tornado um regime igualmente ditatorial com a implantação do Estado Novo de Vargas (1882-1954) um ano antes, mas também em um concerto de quase todas as Embaixadas latino-americanas por toda a Europa. Este momento de profunda desumanidade é imposto no completo domínio da Alemanha pela figura onipresente de Hitler e o avanço do terror promovido pela sua postura de extrema direita, a qual lançaria o mundo na guerra total declarada por este país germânico às minorias e aos antigos inimigos não esquecidos de 1918, a Inglaterra, a França e a Rússia.

Na sequência imposta por Paulo Rónai (1907-1992), estas composições aparecem dispostas na seguinte ordem, “O mau humor de Wotan”; que abre o volume, “A velha”; “A senhora dos segredos” e “Homem, intentada viagem”. Destas, somente as três primeiras são lembradas pela recepção crítica rosiana quando tratam do testemunho do autor sobre o gradual cosmopolitismo do terror nazista e da violência provocadas pelos regimes totalitários europeus.

Extraíndo-se, obviamente, a figura do narrador homodiegético, são essas três narrativas encenadas por mulheres, a outra parte dos indivíduos comuns, os quais na interpretação de Eric Hobsbawm acerca do século XX foram os grandes protagonistas históricos dessa época e também as maiores vítimas deste período nebuloso. Apesar de o século passado ter acenado com a construção de uma longa avenida de

conquistas para o sexo feminino, tais como a igualdade (até hoje parcial) de direitos com o sexo oposto, o acesso ao exercício profissional — que curiosamente se daria pelo ambíguo “esforço de guerra” (HOBSBAWM, 2000, p. 146) — e o avanço da cidadania pelo uso do voto, a autonomia, no entanto, não alcançou todas estas filhas de Eva ao redor do globo, o que levou o autor de *Sobre história* a diagnosticar em 1999 que “[u]ma emancipação maior das mulheres será uma das marcas do próximo século. [...] Desse ponto de vista, a emancipação feminina só deu o primeiro passo, pois ainda não afetou a maior parte da população mundial” (HOBSBAWM, 2000, p. 148).

Antes, portanto, do advento dos movimentos de luta pela igualdade e pelos direitos femininos, a produção literária rosiana traz as mulheres para o primeiro plano, como protagonistas de suas composições “alemães” tirando-as da marginalização a que estavam condicionadas ao redor do globo na primeira metade do século XX e, mais especificamente dentro do sistema autoritário alemão, o qual não queria o sexo feminino nem nas suas fileiras militares e nem tampouco na cabeça do Partido.

Dentre os diversos impactos político-sociais ocasionados por estes perigosos tempos e examinados pela historiografia de Hobsbawm estão os problemas da migração em massa, seja por motivos como a fuga de um genocídio ou devido a uma “faxina” étnica algo tornado relevante também na Europa e na África do ainda jovem século XXI. Em ambos, todavia, o resultado são consequências políticas graves no âmbito internacional, algumas das quais ainda provocando ecos altissonantes na atualidade, tais como a resistência das sociedades economicamente desenvolvidas ao influxo destes êxodos populacionais, sobretudo, quando são compostos por integrantes miseráveis ou de diásporas que, sob muitos aspectos, o Velho Continente ajudou a fomentar.

Por um motivo ou outro, a questão de refugiados e de imigrantes políticos terminam por recair, quase sempre, primeiramente nas mãos diplomáticas dos embaixadores, alguns nem um pouco heroicos se aproveitando economicamente da situação de desespero do povo sionista, como o diretor de imigração cubano Manuel Benítez, responsável — como mostram historiadores e, atualmente, jornalistas dedicados a explorar a história recente — direto pelo episódio desumano ocorrido com o navio *St. Louis* — onde, ao retornar à Europa depois de serem extorquidos, dos 941 passageiros a bordo somente 25 desembarcaram na América Central, os demais voltaram ao coração da barbárie dentro do qual 668 pessoas desapareceram nas profundezas dos Tártaros alemães ajudando a compor os números estatísticos da maldade humana. Outros, como o ficcionaliza Guimarães Rosa e a **sua segunda esposa** Aracy, são lembrados por sua atuação em defesa do povo sionista nas páginas de *Anjos e safados no Holocausto* (2012) do pesquisador associado à USP Roberto Lopes.

## II. O enfrentamento do demo facista

Guimarães Rosa relembra em sua biografia um desses contatos com judeus em outro episódio comovente de sua experiência no consulado de Hamburgo — cidade portuária na qual chegou o escritor no mesmo ano em que ocorreria a deflagração do

primeiro ato declarado da perseguição alemã aos judeus, a famigerada “Noite dos cristais partidos” (*Reichskristallnacht*), — descrito, assim como outros acontecimentos de semelhante comoção para os judeus no enredo de “A velha”.

Amalgamando fatos históricos e a criação literária, o enredo de “A velha” nos mostra um Guimarães Rosa atarefado em mais um dia de exaustivo trabalho no consulado a muito invadido por judeus “famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio” (ROSA, 1970, p. 108), tal como fez um desesperado Walter Benjamin, crivado de erros e equívocos históricos nos territórios da Espanha em 1940.

Em meio a balbúrdias como esta e que se tornaram cotidianos em diversos consulados e embaixadas latino-americanas, o narrador recebe o telefonema de Verônika Wetterhuse, uma idosa quase centenária que solicita a visita deste cônsul à sua casa. Depois de inúmeros adiamentos, o narrador decide ir ao encontro desta personagem que — diante de outras quatro idosas suas parentes, dentre estas a sua filha Angélica, — se despe de um segredo familiar, o seu adultério com um amigo brasileiro de seu marido, em um período de mansidão em que o casal Káspar Wetterhuse vivia em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Antes, no entanto, de entregar, como o narrador de “Páramo”, os “grandes crimes esquecidos, em cada um de nós, mais que milenarmente, em nosso cada um, passado sem tempo” (ROSA, 1969, p. 185), essa longeva senhora judia rememora o nome de seu falecido marido enfatizando o título que lhe precede o nome “**Dr.** Káspar Wetterhuse” (ROSA, 1970, p. 110. Grifo meu). Com base na história de outros imigrantes judeus que adentraram a América Latina — alguns devidamente ficcionalizados como o jovem louro e triste que atende ao cônsul brasileiro (Guimarães Rosa?) afetado pelo *soroche* andino (cf. ROSA, 1969, p. 182) — tomo a liberdade de inferir que a profissão do esposo de Dame Verônika foi a medicina, esta a grande exceção social concedida aos sionistas por meio da qual estes indivíduos podiam exercer livremente um papel intelectual para além das fronteiras pedagógicas da sinagoga.

Na esperança de salvar a teuto-judaica filha de um crime de ódio racial ou outra “hitlerocidade” (ROSA, 1970, p. 108) qualquer cometida contra uma “mischling, ‘mestiça do primeiro grau’, segundo o código hediondo” (ROSA, 1970, p. 110), como os campos de extermínio espalhados pela Polônia e por outros espaços do continente europeu e lembrados dolorosamente pela *Shoah*, esta senhora abre mão de seu pejo, revelando uma suposta transgressão conjugal.

Antes, no entanto, de voltar ao delito amoroso empreendido ou não por Dame Verônika, cuja revelação pode ser lida como um gesto desesperado capaz de ser a garantia de sobrevivência de sua filha, o leitor atento, com certeza, deve perder algum tempo de sua leitura deste “croniconto” absorto na expressão forjada por Guimarães Rosa fundido, com bem faz o idioma germânico, duas palavras independentes, no caso o sobrenome paterno do *Führer* nazista, “Hitler”, e o substantivo “atrocidades”, em um outro verbete, totalmente inédito. Mais do que acreditar, como profere Monteiro Lobato (1882-1948) nas páginas de seu romance *O presidente negro*, em que “por mais

rica que seja uma língua, a expressão humana tem sempre necessidade de palavras novas” (LOBATO, 2009, p. 179), o que fez Guimarães Rosa nesta narrativa foi menos uma vontade de criação vocabular do que uma tradução da essência daquela experiência que a cultura ocidental acostumada aos valores humanistas legados pelo século XIX não conseguiam encontrar forma para se expressar. De acordo com o exame arqueológico-cultural de George Steiner (1929-2020), o qual converge com a perplexidade demonstrada por Eric Hobsbawm em “Os judeus e a Alemanha”, “[q]uando os primeiros relatos dos campos de extermínio foram contrabandeados para fora da Polônia, muito pouca gente acreditou neles: tais coisas não podiam estar acontecendo na Europa civilizada, em meados do século XX” (STEINER, 1991, p. 78) como pensaram a intelectualidade europeia formada dentro do culto aos valores humanistas.

Como ninguém pôde perceber a expansão da violência contra os judeus, inclusive alguns e demais perseguidos pela intolerância do fascismo germânico, uma vez que, historicamente, o início do funcionamento dos campos de trabalho forçados na Alemanha se dá por volta de pouco menos de dois meses depois da ascensão de Adolf Hitler ao posto supremo de “Senhor da Alemanha” em 30/01/1933 e, portanto, seis anos após os fatos narrados pela personagem rosiana de “A velha”?

Um princípio de resposta se revela no trabalho do maior biógrafo do *Führer*, depois de Joaquim Fest (1926-2006), o historiador britânico Ian Kershaw, o qual no volumoso e condensado *Hitler* (2008), relata que da “radicalização cumulativa” até o “cosmopolitismo do terror” envoltos no intervalo que cobre de agosto de 1934 até meados de fevereiro de 1938, os alemães comuns consideraram esse período como o dos “anos bons e normais” do Terceiro *Reich*. É recorrente na historiografia nazista atual um consenso de que o homem comum alemão não só apoiou o Regime sociopolítico do Partido nazista como ajudou, com atitudes, a consolidar este Estado de exceção. Isto significa afirmar que não só os alemães ligados diretamente ao nazismo como boa parte da classe média do país de Goethe encontravam-se felizes em trilhar pelo caminho político desenhado por Hitler o qual consciente da força desse apoio, preservou em sua ditadura o cidadão germânico que o retribuía com a construção de seu mito de herói nacional.

No cenário europeu da década de 1930, é praticamente impossível saber quantos alemães sabiam realmente o que acontecia com os judeus e outros indivíduos considerados inimigos do sistema. E ainda mais difícil é levantar um censo sobre aqueles que realmente se importavam com os fados desses povos perseguidos. As causas desta negligência civil são diversas, indo desde o egoísmo individual até o medo coletivo de recriminações por parte das forças militares de Hitler.

Impossibilitado de comprovar esta possível nacionalidade germânico-brasileira, devido ao afastamento temporal do fato, o narrador fica diante de uma bifurcação moral, pois não sabe se acredita ou não na veracidade desta história que muito bem poderia ser um artifício engenhoso de uma mãe para salvar sua filha. Assim, o diplomata nega — o pedido de visto sem o enorme “J”, carimbo obrigatório para judeus emigrarem da “grande fortaleza” Alemanha, — para a filha de *Dame Verônika*, atendendo às normas diplomáticas vigentes desde 1937 que igualavam em

determinado ponto as trajetórias brasileiras e da Europa. Dentro do progressivo esfacelamento das sociedades europeias e na eminência dos acontecimentos que configuraram a Segunda Grande Guerra propriamente dita, o presidente Getúlio Vargas suspende as liberdades políticas no Brasil e instala um regime de inspiração fascista no país, o Estado Novo.

Todavia, essa é a resposta oficial e explícita não do escritor, mas do funcionário público do consulado brasileiro que a superfície da narrativa revela, porém, antes de concluída esta composição estética, é possível forjar um desfecho diferente para o caso. O desprendimento do cônsul-adjunto em ajudar os judeus que fugiam daquele espaço adverso às suas existências não poderia ser revelado em 1961, ano em que esta narrativa foi publicada e Guimarães Rosa ainda era funcionário a serviço do Itamarati, desta maneira a real decisão do autor de *Primeiras estórias* deve ser compreendida por meio de sua habilidade artística com a palavra ficcional, a qual se mistura na estrutura desta narrativa em que o autor/diplomata leva esta humanização às últimas consequências, só possível de ser percebida pelo jogo libertador da linguagem transformada em ação.

Um leitor com olhos de lince perceberá um dado curioso e, em se tratando de Guimarães Rosa, extremamente significativo, a mudança na grafia do nome das personagens femininas principais, de *Dame Verônika* e *Dame Angélica* para, gradualmente **dona Verônica** e **dona Angélica**. Estes abramileiramentos dos pronomes de tratamento e dos prenomes das personagens judias não são gratuitos e na produção rosiana tanto podem representar o desaparecimento do indivíduo, quanto uma alteração de uma condição identitária ou personalidade. Assim, estas personagens puderam renascer em nosso país guardadas todas as suas memórias e experiências testemunhadas durante o período em que o Ocidente estava em colapso.

É preciso recordar que o que se abre diante de nossos olhos é uma produção ficcional, portanto quem nela atua é o Guimarães Rosa fabulador, não o João Guimarães Rosa cônsul, homem de ação limitado ao cotidiano e às suas obrigações de funcionário público, amarrado nas malhas da obediência às ordens despóticas ou não de um governante que corporifica todo o Estado. Assim, não podemos esquecer que o espaço moral do artista é infinitamente maior do que aquele ocupado pelo indivíduo comum e real, o que os distingue não são em absoluto os valores, mas os modos de comunicá-los.

Somente muitos anos depois que o autor de *Primeiras estórias* saiu dos territórios germânicos, a biografia de Guimarães Rosa permitiu aos estudiosos grande parte do material acerca do pensamento desse escritor brasileiro acerca de diversas questões, como o próprio Regime que imperava na Alemanha na época em que esse mineiro era cônsul na Europa. No decurso de 1966, por ocasião do congresso internacional do PEN Clube em Nova Iorque, Guimarães Rosa travou diálogo com o poeta Haroldo de Campos (1929-2003) — o segundo brasileiro a se fazer presente no congresso nova-iorquino — só saindo de sua concha de timidez para tratar dos aspectos demoníacos em dois momentos importantes de sua vida: a saber, o primeiro, o seu embate com Satã no processo doloroso de composição de *Grande sertão: veredas*, quase como ele encenando uma personagem fáustico da literatura, e o segundo, ao expor sua

experiência diplomática em terras germânicas de forma breve. De acordo com o poeta de *Galáxias* (1984), Guimarães Rosa “disse assim, de supetão: ‘o fascismo, você não sabe, mas é o demo. Eu sei porque estive lá e sei que é o demo, porque tive que lidar com os alemães para proteger refugiados judeus’ (CAMPOS, 2011, p. 47), realidade, portanto, bem conhecida pelo autor mineiro.

## Conclusão

Há mais de setenta anos, a obra de João Guimarães Rosa se constituiu num complexo projeto literário que ainda desafia pesquisadores e mostra, a cada investida no texto, uma nova faceta presente na produção desse ficcionista. Com uma das maiores bibliografias críticas da história literária nacional, as narrativas rosianas já foram submetidas as mais variadas perspectivas de estudo. Considerando o aspecto quantitativo, por exemplo, o titânico acervo bibliográfico produzido sobre Guimarães Rosa comprova a metáfora de que ele, é uma esfinge a lançar perguntas aos seus leitores.

Como a resposta de um Édipo sem a menor pretensão de ser definitiva em sua interpretação, este artigo buscou repensar as práticas de perseguição autoritárias de alguns regimes políticos sobre pessoas comuns durante o século XX e a sua respectiva reelaboração nos domínios estéticos. Ainda que demarcando meu mirante de pesquisa no objeto literário, voltei o meu interesse pelas representações do século XX estabelecendo, na medida do possível, uma conversa harmônica entre a disciplina da História e a matéria estética por meio das perspectivas e das memórias de Guimarães Rosa.

Passadas mais de oito décadas dos acontecimentos representados nas narrativas enfeitadas em *Ave, palavra*, muito dos episódios da cosmopolita eclosão do terror hitlerista pincelados pelo autor e cônsul brasileiro infelizmente se apagam no contato de leitores recém-apresentados à narrativa de “A velha” devido a dois fatos relevantes. O primeiro, de ordem histórica, é o nosso ingresso em uma “Era do esquecimento” na qual o triste intervalo entre os anos de 1930 e 1940 tornou-se peça de museu no qual até apreendemos seu signo, mas silenciemos, em contrapartida, a importância dos sentimentos e das perdas que compuseram o século em que nos originamos, não percebendo que muitas das práticas de violência profissional que nos acometem na atualidade foram gestadas naqueles lúgubres anos.

O segundo fator, de caráter literário, a afastar o leitor dessas composições rosianas é ainda a pouca atenção dada a essas pela história recepional do autor mineiro as quais, talvez por não tratar do espaço predileto de sua ficção (o sertão do norte de Minas Gerais) não receberam ainda a devida interpretação por parte dos especialistas, os quais concentraram sua atenção em obras como *Grande sertão: veredas*. Daí a necessidade de promover uma leitura em que se lança luz sobre algumas passagens obscuras da história ocidental contemporânea e tema ainda muito difícil de ser abordado para uma boa parcela de intelectuais e profissionais da historiografia.



**Bibliografia**

- CAMPOS, Haroldo de. In: **Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 41-69.
- HOBBSAWM, Eric John. **O novo século: entrevista a Antonio Polito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HOBBSAWM, Eric John. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **O presidente negro**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.
- LOPES, Roberto. **Anjos e safados no holocausto 1938-1939: histórias da diplomacia latino-americana na Europa durante a perseguição nazista aos judeus**. São Paulo: Lafonte, 2012.
- ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.
- ROSA, João Guimarães. In: GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito: a infância de Guimarães Rosa**. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2006.
- STEINER, George. **No castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.